de demolição, conforta-me escrever-lhes a história que guardará sempre viva a saudade que já venho sentindo da convivência de excelentes companheiros que ali tive, dos amigos que fiz, das coisas que me foram tão familiares e dos fatos em que tomei parte".

Não conhecemos, infelizmente, o plano da obra. Sabemos apenas que a êste primeiro volume deverão seguir-se outros dois. Diante desta circunstância importante de tratar-se de trabalho incompleto, não nos será possível, sem o perigo da leviandade, uma apreciação definitiva. Reservá-la-emos para ocasião oportuna. Por ora, noticiemos apenas o aparecimento dêste primeiro volume, magnìficamente impresso, entremeiado de valioso documentário e enriquecido com excelentes reproduções de mapas, croquis, estampas antigas, além de desenhos dos dois ilustradores citados.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

NUMMUS, Boletim de Sociedade Portuguêsa de Numismática, n.º 1, I vol. Pôrto, 1952.

Na cidade do Pôrto começou a publicar-se **Nummus**, Boletim da Sociedade Portuguêsa de Numismática que estudará também Medalhística e Arqueologia.

A direção executiva daquela sociedade é composta por Alexandre Ferreira Barros, Carlos Peixoto Braga, Fernando Russell Cortez, Antônio da Silva Guimarães, Van der Niepoort e Mário Ramires.

No seu primeiro número a publicação inclui os seguintes artigos:

I). — **Apresentação** por F. Russel Cortez.

O autor explica os motivos do Boletim que se podem sintetizar nas expressões: "Não esqueceremos igualmente que os valores monetários surgem conjuntamente com outros fenômenos culturais e históricos... pertinentes a determinado povo, em certo momento ou em determinado lugar..." e mais adiante: "Procuraremos cumprir a nossa tarefa..., esforçando-nos até ao possível pelo progresso da ciência Numária nas suas relações com a Arte, a História e a Economia, agora que deixou o campo restrito que os seus antecedentes estudos apresentavam, terminou a interpretação unilateral e sem olvidar o seu tradicional campo de ação — descrever e inventariar tipos, variantes e valores — abandonou o espírito colecionista para mais se integrar no âmbito da História do Homem".

II). — **O Tesouro monetário de lugar do Poio (Paradela de Guiães) — contributo numismático para o estudo da romanização da Região do Douro** — por F. Russel Cortez — pág. 6-37.

Depois de descrever a maneira como em 1930 foram achadas naquela localidade cerca de 700 moedas de prata, entre as quais denários consulares dos séculos III, II e I a. c. e que foram levados para o Rio de Janeiro por Laurindo Pinto dos Santos, o A. estuda a romanização do Douro, a qual se faz em redor de dois problemas econômico-sociais: o da pobreza do solo da Lusitânia e o do excesso demográfico que, por seu turno, levam às lutas entre as populações da montanha e as da planície.

Da pg. 19 em diante faz a descrição das moedas, começando por aquelas que não têm marca monetária, passando pelas que têm símbolo até chegar às consulares desde Aburia, Aelia, Aemilia, Annia, Antestia, Antonia, Appuleia, Aurelia, Baebia, Caecilia, Calidia, Calpurnia, Cassia, Cipia, Claudia, Cloulia, Coilia, Cornelio, Crepusia, Cupiennia, Curtia, Fabia, Fannia, Flaminia, Fonteia, Furia, Herennia, Julli Ivnia, Licinia, Lucilia, Lucretia, Lutatia, Maenia, Malia, Manlia, Marcia, Memmia, Minucia, Opimia, Papiria, Pinaria, Pompeia, Promponia, Porcia, Postumia, Renia, Rubria, Saufeia, Scribonia, Sentia, Sergia, Servilia, Spurilia, Thoria, Titia, Tituria, Tullia, Valeria, Vibia, até Volteia. Dá, a seguir, pág. 33-37, uma notícia sôbre os vasos de prata também achados no local.

III). — **La ceca visigoda de "Cepis" poblacion del distrito de Oporto** pelo eng. Wm. Reinhart — pág. 38-44.

Após referir as condições em que as moedas visigodas apareceram, notando a influência sueva, em especial na Galiza, o que se relacionaria com a existência ali de minas de ouro, o A. passa a descrever a moeda cunhada na localidade de Cepis, na diocese do Pôrto, por Leovigildo, que conquistou os suevos nos anos de 582-585, e é um triente com o qual o rei visigodo restabeleceu o sistema metrológico romano, criado por Constantino, e abandonado nos meados do século VI a favor dos trientes de tipo primitivo, com a Vitória no reverso.

IV). — **Numária d'el-rei Dom Afonso Henrique — Balanço analítico dos exemplares conhecidos** por Pedro Batalha Reis — pág. 44-48.

Analisa em primeiro lugar a opinião de Teixeira de Aragão sôbre as 5 moedas daquele rei estudadas pelo autor da "**Descripção geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis regentes e governadores de Portugal** e conclui a respeito de cada uma delas:

1). — **Morabitino** de Braga: é uma mistificação provada; 2) **Morabitino** de Cruz: os verdadeiros pertencem a D. Afonso II, sem embargo da existência de exemplares falsificados, nomeadamente do último quartel do século passado; 3) **Mealha** com escudos: quanto ao A. não pertence a D. Afonso I, mas sim a D. Afonso II; 4) **Dinheiro** com o sino-saimão: esta é das moedas de D. Afonso Henriques apresentadas por Teixeira de Aragão, a única cuja autencidade para o A. é indiscutível; 5) **Dinheiro** com a cabeça de perfil do rei: o A. tem reservas quanto a incluí-lo na numária afonsina, mas também não o repudia.

Indica a seguir as razões por que duvida da classificação atribuída àquelas moedas. Batalha Reis conclui por dizer que só são da numária afonsina os seguintes exemplares: 1) **Dinheiro** com cruz e pentalfa; exemplar único, pertence ao sr. Niepoort; 2) **Dinheiro** semelhante àquêle, de cunho mais correto; existem quatro exemplares, pertencentes à coleção do rei D. Luiz; 3) **Dinheiro**, com o perfil do rei; tomado com tôda a reserva; único exemplar conhecido; 4) **Mealha** com a inicial do rei A sôbre uma cruz; único exemplar conhecido; pertencente ao eng. Michaelis de Vasconcelos; 5) Mealha com a efígie do rei de face; existem 2 exemplares; pertencente um dêles ao dr. Raul Soares Duque. Conclui assim: "Temos, pois, nesta éra de 1952, andado que são dez meses dela, conhecidos cinco tipos diferentes, numa totalidade de 9 exemplares, de moedas mandadas cunhar pelo nosso primeiro Rei..."

No final, estampa com as 5 moedas descritas, mostrando o anverso e o reverso.

V). — **Moedas de D. Fernando — Um quarto de barbuda da oficina monetária do Pôrto** pelo eng. J. Ferraro Vaz — pág. 49-54.

Depois de apresentar a opinião de Manuel Severino de Faria, no "Discurso IV" das "**Notícias de Portugal**", que diz ter sido o Pôrto berço da numismática portuguêsa, o A. apresenta dúvidas, inclinando-se para Braga ou Coimbra. Analisa a moeda, que já tinha sido noticiada por Leite de Vasconcelos, in "O Archeólogo Português". Em apêndice, pgs. 53-54, dá uma nota sôbre a forma de representar as gravuras das moedas. No final, estampa representando a barbuda, meia barbuda, e quarto barbuda.

VI). — **O numismata dr. Mirabeau**, por Luiz Pinto Garcia — pág. 55-62.

Dá uma notícia bio-bibliográfica a respeito do dr. Pompeu de Carvalho Mirabeau (1861-1940) e regista algumas das moedas mais raras e valiosas daquele colecionador. De págs. 63-65 apresenta um estudo do mesmo numisma sôbre o tornês de prata de D. Fernando e o meio real de prata de D. João I.

VII). — **Uma medalha dedicada ao dr. Francisco de Andrade Leitão**, pelo dr. Ary dos Santos — pg. 66-70.

E' a medalha de prata, muito rara, oferecida pela Holanda, em homenagem póstuma, ao notável português que assinou a paz de Westfália, em 24

de outubro de 1648. Foi gravada pelo medalhista alemão George Wilhelene Vestner. No final, fotogravura da medalha.

VIII). — **Moedas de D. Miguel I. Um ensaio inédito de peça de 1829** pelo eng. Raul da Costa Couvreur — pg. 71-72.

Começa por dizer que no reinado de D. Miguel existem moedas de ouro de 2 tipos, conhecidas pelos reversos diferentes: **palmas para dentro de 1828, e palmas para fora, a partir de 1830,** não se conhecendo moedas de 1829. Quanto a estas apenas se conhece um ensaio de peça aberto por Antônio José do Vale, que não agradou, e os cunhos de outros exemplares assinados por Dubois.

IX). — **Vasco Valente desenhador de medalhas,** por Alexandre Ferreira Barros — pg. 73-74.

Notícia sôbre Vasco Valente, antigo diretor do Museu Nacional de Soares dos Reis e já falecido que desenhou a medalha galardão de tempo de serviço prestado pelo pessoal da fábrica da **"Vista Alegre"**, de que foi diretor artístico e onde organizou um museu de cerâmica. Vasco Valente foi dos mais notáveis historiadores do vidro e da cerâmica portuguêsa.

X). — **Vária** — pg. 75-80.

Dá as seguintes notícias: Exposição numismática do Pejão; Inquérito sôbre as permutas numismáticas inter-associados da Sociedade Portuguêsa de Numismática; I Exposição Nacional de Numismática, a realizar em 1953 em local a designar; Congresso Internacional de Numismática a efetuar de 6 a 11 de julho de 1953, em París; Comissão Internacional de Numismática; notícia sôbre a morte do numismata português dr. Jorge Pereira da Gama; referências à Sociedade Portuguêsa de Numismática; e, por último, noticia a inclusão no número próximo de **Nummus** um trabalho de catalogação das moedas portuguêsas insulares e coloniais.

JORGE PEIXOTO

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL. Publicação da Divisão do Arquivo Histórico do Departamento de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo. Volumes CLII e CLIII: outubro e novembro de 1952. 148 e 256 pp.

Criada em 1934, contando atualmente com mais de 150 volumes publicados, a **Revista do Arquivo Municipal** constitui uma das mais valiosas publicações de interêsse histórico existentes no país, principalmente para a história de São Paulo. O primeiro número, publicado em junho daquele ano, apresentava-se com um programa modesto, porém de grande alcance: "vulgarizar, ao lado de trabalhos de bons autores, numerosos documentos antigos, relativos aos paulistas, e quase todos inéditos." Assim, ao lado de artigos de Afonso de Taunay e de Nuto Sant'Ana sôbre o passado paulistano, eram oferecidas aos leitores peças valiosas, inéditas, dos "papéis velhos" guardados na antiga Diretoria do Protocolo e Arquivo da Prefeitura, que tinha a seu cargo a publicação da revista.

A criação do Departamento de Cultura, em 1935, abriu à cidade de São Paulo perspectivas imensas no domínio da difusão cultural, incomparàvelmente maiores do que as que poderia oferecer a Diretoria do Protocolo e Arquivo. A Revista tornou-se órgão do novo Departamento, criado por inspiração de Mário de Andrade, e por êle dirigido nos primeiros tempos. Assim, nesta nova fase, passou a dar guarida, em suas páginas, às muitas pesquisas sôbre aspectos da vida social, econômica e cultural realizadas pelo Departamento, e que abrangiam os mais variados assuntos, desde, por exemplo, transporte coletivo ou matança de gado na Capital, até o samba rural paulista ou as "trocinhas" do Bom Retiro.

Esta atividade múltipla da **Revista do Arquivo Municipal** apenas sofreu pequeno declínio a partir de 1941, quando a periodicidade mensal assegurada